

Contribuindo com a V Semana Teológica Ecumênica, realizada de 06 a 10 de outubro passado, sob o tema: *Missão e cidadania a caminho do Reino*, o Pastor Abival Pires da Silveira escreve como *Evangelizar a cidade*. Analisa a cidade enquanto arquitetura espacial, humana, religiosa e divina, propondo que ela se torne espaço de humanização e de comunhão. A realização do homem, segundo o autor, não está mais no Jardim do Éden, mas na cidade. Deus, na Jerusalém Celeste, realiza o sonho humano de vida fraterna em perene e profunda comunhão. Outra contribuição importante da Semana é o artigo do Pastor Rolf Schunemann, *Desafios e perspectivas para a missão urbana*. O autor propõe uma pastoral missionária, dinâmica, colegiada e ecumênica, capaz de superar a pastoral apologética e bancária ainda em vigor nas igrejas.

Finalizam este número trabalhos de dois colaboradores: o primeiro do Pastor Cláudio de Oliveira Ribeiro, oferece excelente contribuição sobre Teologia da História ao escrever *História e Libertação: contribuição de Paul Tillich para o contexto Latino-Americano*. O segundo, de Frei Bernardino Leers, que escreve sobre *Família: ética e tecnologia*. Fundado na Sagrada Escritura e na doutrina da Igreja, faz emergir os problemas éticos que as descobertas tecnológicas causam na vida familiar. Segundo o autor, da visão fundamental da fé e da confiança em Deus derivam, em favor da família, três princípios éticos: respeito pela pessoa humana, respeito pela família, eticidade da práxis científica.

A Diretoria da Faculdade e o Conselho Editorial agradecem a acolhida de sua *Revista de Cultura Teológica* no ano de 1997 e desejam continuar servindo os seus leitores com o mesmo empenho no Ano Novo.

*Conselho Editorial*

## A VERDADE PNEUMATOLÓGICA NOS ESCRITOS DE PAULO

*Pe. Dr. Benedicto Bení dos Santos*

O vocábulo *espírito* (pneuma) aparece 139 vezes nos escritos de Paulo. A pneumatologia está de tal modo presente em toda a sua doutrina que alguns julgam que, com sua doutrina sobre o Espírito, ele modificou o cristianismo. Paulo teria, de fato, modificado o cristianismo se a sua pneumatologia fosse fundamentada na filosofia estoíca. O estoicismo falava do *pneuma* como elemento fundamental do universo. Paulo teria modificado o cristianismo se a sua pneumatologia tivesse influência dos cultos místéricos e das religiões pagãs. Nestas havia experiências *carismáticas* de ordem emotiva. E as religiões pagãs tinham suas profetizas: as sibilas. Mas, como demonstrou L. Cerfeau<sup>1</sup>, a pneumatologia de Paulo está fundamentada na doutrina dos profetas e na experiência carismática da Igreja primitiva. A novidade de sua doutrina não está no uso freqüente do vocábulo *espírito*, mas no conteúdo desse vocábulo. "Herdeiro do Antigo Testamento, do judaísmo e do cristianismo primitivo, ele considerava a divindade como uma potência real, ativa, inte-

ligente que intervém, freqüentemente, em nosso mundo, cuja força (dynamis) comanda todos os fenômenos naturais, governa a vida dos homens, insere-se pessoalmente nas atividades do mundo dos fenômenos, e cuja sabedoria (sofia) dirige o curso dos acontecimentos, de modo a realizar um plano - que é para nós um mistério - concebido para a salvação dos eleitos; essa potência e essa sabedoria, ele as vê como a manifestação duma hipótese divina, distinta do Pai e do Filho e que nós chamaremos, com ele, de Espírito ou Espírito Santo"<sup>2</sup>.

Visando mais uma exposição didática da pneumatologia de Paulo do que uma reflexão completa, analisarei três temas: o Espírito Santo e Cristo, o Espírito Santo e a Igreja, o Espírito Santo e o ministério de Paulo.

### 1. O ESPÍRITO SANTO E CRISTO

Antes de tudo, Paulo atribui o Espírito a Jesus enquanto Messias. Escreve ele: "...pois quem não tem o Espírito de Cristo, não pertence a ele"<sup>3</sup>. Paulo refere-se à presença

<sup>1</sup>O cristão na teologia de São Paulo, cap. VIII. Paulinas, São Paulo 1976

<sup>2</sup>Ibidem, 225

<sup>3</sup>Rm 8,9

do Espírito em Jesus a partir do seu batismo. Pois foi, segundo os evangelhos sinóticos, no batismo, que Jesus foi ungido pelo Espírito, tornando-se o Messias, que significa *o ungido* pelo Espírito. E toda a sua atividade messiânica, como mostra Lucas, citando Isaías, Jesus a desenvolveu movido pelo Espírito.

Paulo atribui, também, o Espírito ao Jesus Pascal: “*E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, através do seu Espírito que habita em vós*”<sup>4</sup>. Embora, em outros textos<sup>5</sup>, ele atribua a ressurreição ao Pai, Paulo quer, em última análise, ensinar que o Pai ressuscitou Jesus pelo poder do Espírito Santo. É o Espírito, como veremos, que, através de um processo constante, prepara o nosso ser, inclusive em sua dimensão corporal, para a ressurreição. A presença do Espírito em nós é o penhor da nossa ressurreição. Sua missão é configurar-nos a Cristo. E a ressurreição será a plenitude dessa configuração.

A relação entre o Espírito e Jesus é tão profunda que estar em Cristo e estar no Espírito são de certo modo, realidades equivalentes. Eis alguns exemplos: “*batizados em Cristo*”<sup>6</sup>, mas

também no Espírito; fé em Cristo e fé no Espírito; os cristãos são templos de Cristo e templos do Espírito. Num texto difícil, ele afirma: “O Senhor é o Espírito”. Não existe, porém, confusão entre ambos pois, para Paulo, só Cristo possui um corpo. Só ele foi crucificado e ressuscitou. A função do Espírito é historicizar o evento Jesus Cristo. O texto citado proclama a relação entre o senhorio de Cristo e o senhorio do Espírito.

Para Paulo, a confissão fundamental da fé cristã é obra do Espírito: “ninguém pode dizer Jesus é o Senhor a não ser no Espírito Santo”. Como observa Y. Congar, “não se trata unicamente de um proposição doutrinária; é algo existencial que procede de um dom e compromete toda a vida”. De fato, o vocábulo *Kyrios* é a expressão não só da divindade e da glória de Jesus, mas também de sua ação vital e salvífica na Igreja. Trata-se, em última análise, da conversão: fazer de Jesus o Senhor da nossa vida. A conversão aparece, assim, como componente do ato de fé.

## 2. O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA

No ensinamento de Paulo, o Espírito Santo e a Igreja são inseparáveis, pois o Espírito edifica a Igreja, uma vez que ela é o seu templo. No Anti-

go Testamento, Deus manifestava a sua presença no templo. Agora, o templo de Deus é a própria comunidade: Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós”. A propósito deste texto, observa Cerfeau: “Tais fórmulas não são mais simples metáforas. O Espírito é uma realidade, uma presença de Deus, infinitamente mais santa e mais íntima que o era a habitação na nuvem ou na glória no templo judeu. O privilégio de santidade inviolável que cabia ao templo de Jerusalém pertence doravante à comunidade”.

O Espírito é o princípio de vida da Igreja. A Igreja é o corpo de Cristo, um corpo vivo, porque animado pelo Espírito. É ele que nela suscita os diversos carismas e serviços<sup>7</sup>. Ninguém, como Paulo, acentua tanto a dimensão carismática da Igreja. O próprio termo *carisma* (kárisma) foi ele que introduziu na linguagem eclesial. O termo aparece na carta aos Romanos e na primeira aos Coríntios. Os carismas, segundo São

Paulo, destinam-se à edificação da Igreja. Fazem dela uma realidade semelhante ao corpo, onde cada membro desempenha uma função em vista do bem comum. O Espírito de tal modo unifica a Igreja que os crentes se tornam um em Cristo. O único Espírito constitui o único corpo<sup>8</sup>. Mas como a comunidade não pode ser separada de seus membros, no interior da Igreja, cada membro é templo do Espírito Santo. Faz a experiência do Espírito, enquanto animado por Ele. Trata-se de uma experiência pessoal, pois o Espírito habita em nós<sup>9</sup>, atesta<sup>10</sup>, intercede<sup>11</sup>. Grita em nossos corações<sup>12</sup>. Essa experiência do Espírito só é percebida pela fé. É, porém, uma experiência real, concreta, por causa dos sinais que a manifestam: os vários carismas, os dons superiores: a fé, a esperança e a caridade. Mais ainda: pela ação do Espírito, uma vez que cada cristão é seu templo, toda a vida cristã se transforma numa liturgia: “*Os circuncidados somos nós, que prestamos culto pelo Espírito de Deus e nos gloriamos em Cristo Jesus e não confiamos na carne*”<sup>13</sup>. Nesse sentido, a palavra “*santo*”, atribuída por Paulo aos

<sup>4</sup> Rm 4,11

<sup>5</sup> Cf. 1Ts 1,10; 1Cor 6,14; 15,15; 2Cor 4,14; Cl 1,1; Rm 24,10,9

<sup>6</sup> Cf. Gl 2,27

<sup>7</sup> Cf. 1Cor 12,17

<sup>8</sup> Cf. Ef 4,4; 1Cor 12,8s; Rm 12,6s

<sup>9</sup> Cf. Rm 8,11

<sup>10</sup> Cf. Rm 8,16

<sup>11</sup> Cf. Rm 8,26

<sup>12</sup> Cf. Gl 4,6

<sup>13</sup> Fl 2,17; 3,3; Rm 15,16

cristãos<sup>14</sup> não é uma metáfora. Não se trata apenas de uma realidade moral ou espiritual. Trata-se de uma realidade que afeta toda a dimensão do ser, inclusive a corporal. Consiste numa consagração pela qual passamos a pertencer a Deus. Por isso, segundo Paulo, os filhos nascidos de um matrimônio cristão podem também ser chamados *santos*<sup>15</sup>.

O Espírito é princípio de nova vida e, conseqüentemente, de um novo agir: “*Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também a nossa conduta*”<sup>16</sup>. Essa vida inicia-se pela fé e pelo batismo e, assim, o cristão começa a viver sob o regime do Espírito. Paulo descreve a vida no regime do Espírito. O regime do Espírito e o regime da carne se opõem mutuamente e se guerreiam<sup>17</sup>. O regime da carne consiste em viver fechado sobre si mesmo, contando somente com as próprias forças e pensando de modo puramente humano. Ao contrário, viver no regime do Espírito é deixar-se conduzir por Ele. É pelos frutos que sabemos em que regime nos encontramos. “*Ora, eu vos digo: conduzi-vos pelo Espírito e não satisfareis os desejos da carne.*”

*Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne. Eles se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis. Mas se vos deixardes guiar pelo Espírito, não estais debaixo da Lei. Ora, as obras da carne são manifestas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, inveja, bebedeiras, orgias, e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos previno, como já vos preveni: os que tais coisas praticam, não herdarão o Reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto-domínio*”<sup>18</sup>.

Os que vivem no regime do Espírito formam um novo povo. Jeremias havia anunciado a formação do povo escatológico, povo novo, que teria a aliança gravada nos corações<sup>19</sup>. Para Paulo, este novo povo é criação do Espírito. É um povo que já possui uma parte da herança: o dom do Espírito Santo, pois o Espírito é a síntese de todas as riquezas divinas. Na carta

aos Romanos, Paulo se refere às primícias do Espírito que nós possuímos<sup>20</sup>. A doação da parte da herança constitui, ao mesmo tempo, a garantia de receber a herança completa: a salvação. “*Possuímos as primícias do Espírito e é, por isso, que suspiramos do fundo de nós mesmos, aguardando sermos reconhecidos como filhos*”<sup>21</sup>.

O Espírito assimila progressivamente o crente a Cristo, através de um progresso constante de transfiguração, até chegar ao *corpo espiritual* na ressurreição. A expressão “corpo espiritual”, na perspectiva da antropologia paulina, não é contraditória. Segundo Paulo, o corpo designa a pessoa enquanto totalidade visível. Este corpo pode ser dominado pelo dinamismo egocêntrico da carne ou pelo dinamismo libertador do Espírito. Este processo atinge o seu ponto final na espiritualização do corpo através da ressurreição.

Já, nesta vida, o Espírito confere à pessoa uma capacidade nova de reconhecer a vida íntima de Deus. Trata-se da *sabedoria*, o primeiro carisma enumerado por ele na primeira carta aos Coríntios<sup>22</sup>. Essa sabedoria é fruto do Espírito em nossa faculdade

superior: a inteligência. Escreve ele: “*O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus*”<sup>23</sup>. É ele que concede a inteligência das Escrituras, ou seja, a descoberta do seu sentido profundo e oculto. Sem o dom do Espírito, não conseguimos ir além da letra. As regras da exegese são apenas instrumentos a serviço do Espírito. A propósito, observa Cerfeau: “Ao contrário, o Espírito é a força e a inteligência. Deter-se na letra seria recusar o Espírito que, no entanto, suscitou as Escrituras”<sup>24</sup>.

### 3. O ESPÍRITO E O MINISTÉRIO DE PAULO

A experiência apostólica de Paulo é de natureza carismática. “...o apostolado em terra pagã suscitou uma onda de fenômenos que definimos globalmente como milagres e manifestações *extáticas*. Não se vê com que argumentos poder-se-ia afirmar a sua origem helenista. Paulo dá a impressão de levá-los consigo. Surgem sob seus passos”<sup>25</sup>. Em seu primeiro escrito, ele afirma: “*Sabemos, irmãos amados de Deus, que sois do número dos eleitos, porque o nosso*”

<sup>14</sup> 2Cor 1,1; Cl 1,24; Ef 1,1,4; Rm 16,2,15; 2Cor 13,12; 1Ts 5,27

<sup>15</sup> Cf. 1Cor 7,34

<sup>16</sup> Gl 5,25; 6,9,13; Ef 4,30

<sup>17</sup> Gl 5,16-23

<sup>18</sup> Cf. Rm 8,23; Gl 3,17

<sup>19</sup> Cf. Jr 31,31-33

<sup>20</sup> Cf. Rm 5,32

<sup>21</sup> Cf. 2Cor 3,18

<sup>22</sup> Cf. 1Cor 12,8

<sup>23</sup> Rm 8,16

<sup>24</sup> Cerfeau, Op. cit., 252

<sup>25</sup> Ibidem, 226

evangelho vos foi pregado não somente com palavras, mas com grande eficácia no Espírito Santo e com toda a convicção<sup>26</sup>. E, na primeira carta aos Coríntios, ele volta ao mesmo tema: "Estive entre vós cheio de fraqueza, receio e temor. Minha palavra e minha pregação nada tinham de persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder, a fim de que a vossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus"<sup>27</sup>.

Para Paulo, o profetismo do Antigo Testamento continua na Igreja. Nela existem os profetas carismáticos - aqueles que, em estado de êxtase, oram em línguas - São eles, de certo modo, os continuadores dos antigos *nabis*. Possuem o dom profético de modo provisório. Mas, na Igreja, existem também os grandes apóstolos (os Doze) e outras testemunhas oficiais da ressurreição de Cristo. Eles continuam a missão dos grandes profetas do Antigo Testamento, aqueles que possuíam o dom profético de modo permanente. Recebiam a inspiração e

a revelação. Paulo se considera um deles. São citados, em primeiro lugar, na lista dos carismas<sup>28</sup>. Uma das mais importantes igrejas paulinas - Corinto - é de natureza carismática. Os Coríntios, afirma Paulo, "foram enriquecidos de todos os dons, os da Palavra e os da Ciência"<sup>29</sup>. A efervescência carismática é tanta que chega ao ponto de provocar um choque entre os carismas. Paulo inter-vém para colocar ordem nas coisas<sup>30</sup>. Os carismas são concedidos para utilidade comum<sup>31</sup> e garantem, na Igreja, a variedade dos serviços na comunidade do único corpo de Cristo<sup>32</sup>. Devem ser avaliados não na base do caráter espetacular, mas na medida em que contribuem para a edificação da comunidade, pois o carisma maior é a caridade<sup>33</sup>. Desligado dela, qualquer carisma não passa de ostentação.

Com respeito ao carisma de "falar em línguas" (glossolália), parece tratar-se de uma experiência *extática* de caráter emocional. Na oração em estado de êxtase, a pessoa pronuncia palavras incompreensíveis, estranhas. Por isso, Paulo faz uma oposição bem

clara entre orar em espírito, ou seja, em estado de êxtase, e orar com a inteligência<sup>34</sup>. O dom que os Apóstolos receberam, no dia de Pentecostes, foi algo diferente. O carisma, no dia de Pentecostes, consistiu em falar em outras línguas, isto é, em línguas estrangeiras. Para São Lucas, esse dom que o Espírito concedeu aos Apóstolos simboliza a universalidade da Igreja.

### CONCLUSÃO

Pessoa divina, o Espírito Santo aparece, nos escritos de São Paulo, relacionado ao Pai e ao Filho, inclusive em sua missão de Verbo encarnado, morto e ressuscitado. A título de exemplo, basta recordar a saudação trinitária nas comunidades paulinas: "A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo em todos"<sup>35</sup>. A graça é um dom de Cristo, que a mereceu para nós. O amor (caridade) vem do Pai, que tanto amou o mundo que lhe

entregou o seu Filho e, com ele, todos os bens. Mas é o Espírito Santo - ele mesmo um dom - que distribui os dons divinos.

A ação do Espírito se expressa extraordinariamente nos seus carismas, que fazem da Igreja uma comunidade viva e capaz de comunicar a vida. Mas o Espírito age também em nossa inteligência, dando-lhe a capacidade de penetrar os mistérios de Deus, a capacidade de entender o espírito das Sagradas Escrituras. Existe, também, uma presença imanente do Espírito em nós, que envolve todo o nosso ser e prepara a nossa condição definitiva: a ressurreição.

Pe. Dr. Benedicto Beni dos Santos é professor de Teologia Sistemática e Vice-Diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção para os cursos de Pós-Graduação

<sup>26</sup> 1Ts 1,4-5

<sup>27</sup> 1Cor 2,4-5

<sup>28</sup> Cf. 1Cor 12,28-29; Ef 4,11

<sup>29</sup> Cf. 1Cor 1,5

<sup>30</sup> Cf. 1Cor 12,11

<sup>31</sup> Cf. 1Cor 12,7

<sup>32</sup> Cf. 1Cor 12,12-27

<sup>33</sup> 1Cor 13,14

<sup>34</sup> Cf. 1Cor 14,15

<sup>35</sup> 2Cor 13,13